

Recensão Crítica

Helen Small, *The Value of the Humanities*, Oxford, Oxford University Press, 2013, 204 p.

“Mas que privilégio”, tive que ouvir uma vez da boca de um colega da área da Engenharia, “que privilégio ser pago para ler romances!”. Tratando-se de uma frase vinda de alguém com uma posição de destaque no meio universitário e, tenho que admitir, com um nível de inteligência acima da média, ela é bem representativa das representações erradas que continuam a ser muito correntes mesmo nesse meio relativamente à relevância das Humanidades. Na verdade, a discussão sobre o valor das Humanidades não é de hoje, nem mesmo de ontem, mas tem de ser equacionada nos nossos dias em condições que talvez não tenham nunca sido tão desfavoráveis. Não se trata, em primeira linha, da tão decantada “crise” – na verdade, a condição da crise é, pode dizer-se, consubstancial a toda a história das disciplinas humanísticas e, na medida em que aponta para a capacidade auto-reflexiva dessas disciplinas, ela constitui mesmo um factor de evidente relevância para a capacidade de produção de contemporaneidade por parte das Humanidades. Trata-se, sim, muito mais, da transformação estrutural das universidades, crescentemente

pressionadas por lógicas mercantilistas e sujeitas a critérios de avaliação utilitaristas do ponto de vista dos quais o que é específico do saber humanístico tende a ser visto como um luxo inútil ou um desperdício a evitar. Quase vinte anos depois da publicação d’*A Universidade em Ruínas*, de Bill Readings, o diagnóstico sombrio traçado nesta obra de referência não tem cessado de confirmar-se.

No espaço dessas ruínas, a reflexão sobre o futuro das Humanidades tem de começar pela questão elementar de saber se as humanidades têm um futuro. É forçoso reconhecer que, no quadro presente, muito do que tem sido o discurso tradicional das Humanidades se encontra inteiramente desarmado para responder a essa questão. O apego a uma noção enfática de cultura na linha das “ciências do espírito” novecentistas ou a defesa correlativa de uma legitimidade e função “naturais” das humanidades não podem senão conduzir a estéreis posições defensivas, a uma estratégia de hibernação, bem presente em contributos relevantes como o de George Steiner, que condena, em última análise, o espaço das Humanidades

à mesma irrelevância que lhes é asacada pelas lógicas mercantilistas.

Se é verdade, assim, como já tenho escrito, que o futuro das Humanidades não pode estar simplesmente no seu passado, livros como o de Helen Small, professora de Estudos Ingleses da Universidade de Oxford, representam contributos importantes para a reconceptualização necessária a um reposicionamento produtivo das Humanidades no diálogo dos saberes contemporâneos. É uma obra escrita a partir de um contexto específico, o britânico, cujos problemas e desafios não são necessariamente idênticos aos de outros contextos, desde logo o português. No entanto, não só esses outros contextos estão crescentemente sujeitos a um forte mimetismo relativamente ao universo anglo-saxónico, desde logo no tocante a feiticismos bibliométricos como padrão de avaliação, como as questões abordadas são de inteira relevância, já que entroncam em profundidade, a partir de uma perspectiva amplamente informada, na discussão atual sobre o valor das Humanidades, entendido explicitamente como um bem público. Os cinco capítulos que (para além

de uma introdução e uma conclusão) constituem a obra estão estruturados na forma de um balanço crítico dessa discussão, através de um percurso por alguns dos paradigmas argumentativos correntes em defesa das Humanidades. Os títulos são representativos: “1. Distinction from Other Disciplines”; 2. Use and Usefulness; 3. Socrates Dissatisfied: The Argument for a Contribution to Happiness; 4. ‘Democracy Needs Us’: The Gadfly Argument for the Humanities; 5. For Its Own Sake”. A substancial bibliografia e o índice remissivo final dão testemunho da amplitude das referências, mesmo que limitadas ao universo de língua inglesa.

Talvez o maior mérito desta obra seja o de recusar liminarmente a esterilidade da posição defensiva a que me referi no início, ao mesmo tempo que lança um olhar matizado sobre qualquer tipo de pretensões de centralidade hegemónica. Evidentemente que aquela recusa não exclui aquilo a que a autora chama um “gesto protetor” (p. 29) relativamente à especificidade dos modos de construção do conhecimento no âmbito das Humanidades. Esse gesto está bem presente

ao longo dos vários capítulos, que, a propósito do equacionamento do lugar distintivo das Humanidades, começam por uma revisitação da controvérsia, sucessivamente reeditada, das “duas culturas”, prosseguindo depois com uma reflexão sobre “inutilidade” das Humanidades e a forma como as pressões utilitaristas se abatem em particular sobre o ensino e a investigação nesse âmbito – uma reflexão que, com referência particular à influência de Matthew Arnold no contexto britânico, não deixa ser particularmente crítica da cegueira de algumas posições anti-instrumentalistas. Capítulos subsequentes abordam a contribuição das Humanidades para a felicidade dos indivíduos e das comunidades – sendo que essa contribuição, como sublinha a autora, consiste primacialmente na reflexão crítica sobre “em que é que consiste a felicidade, como podemos esperar atingi-la da melhor maneira, qual pode ser a relação entre a felicidade psicológica individual e o bem-estar da sociedade, e de que forma a educação pode alterar tanto a qualidade como o espectro de prazeres disponíveis para o indivíduo” (p. 175). A obra centra-se depois no debate sobre

Talvez o maior mérito desta obra seja o de recusar liminarmente a esterilidade da posição defensiva ao mesmo tempo que lança um olhar matizado sobre qualquer tipo de pretensões de centralidade hegemónica

a relação entre as Humanidades e a democracia, no âmbito do qual assume especial relevo uma abordagem crítica do contributo de Martha Nussbaum; e, finalmente, procede a uma ponderação da medida em que poderá defender-se que as Humanidades e a investigação no âmbito das Humanidades têm um valor em si, isto é, se autojustificam pelo modo como “alguns objetos e atividades podem ter valor como um fim em si próprios” (p. 176) – uma ponderação claramente na linha da formulação kantiana da autonomia da esfera estética.

Em torno das questões que sumariamente inventariei, os diferentes capítulos organizam-se como revisão crítica de posições centrais representadas por alguns dos autores e das autoras de referência para a discussão mais recente. A obra de Small, e não é este o menor dos seus méritos, vale, assim, como balanço crítico e como perspetivação geral do estado atual dessa discussão. A forma ponderada e equilibrada como, sem prejuízo da firmeza da opinião crítica, vão sendo debatidos os diferentes contributos relevantes e o modo como Small vai privilegiando o modo interrogativo

relativamente aos vários aspetos que aborda contribuem para fazer desta obra uma referência importante.

Qualquer discussão produtiva sobre a questão das Humanidades e, concomitantemente, sobre o valor das Humanidades, tem que começar por reconhecer que não é possível abordar a questão a partir de perspetivas simplesmente disciplinares. Não se trata de definir “áreas de especialidade”, mas sim de ter consciência do modo específico de produção de conhecimento próprio das Humanidades, um modelo que, por definição não pode ser substituído por outra forma de abordagem ou ser subsumido nela. Um dos elementos mais definidores do espaço das Humanidades é, sem dúvida, o seu desiderato essencial de antropologização do saber ou, dito de outro modo, a sua resistência à separação sujeito/objeto característica da evolução da ciência moderna. Ao centrar-se em objetos como a linguagem, a cultura, a memória, as identidades, as Humanidades percorrem transversalmente todas as esferas da experiência social e, enquanto tal, estabelecem-se como um saber por definição fronteiriço. Na abordagem de Helen Small, esta é uma

dimensão que não só não me parece suficientemente sublinhada como é mesmo objeto de algum ceticismo. Mas isso não obsta a que *The Value of the Humanities* fique doravante a constituir uma referência importante num campo em que a discussão, seja em forma de livro, seja no espaço das revistas, prossegue com assinalável vitalidade.